

IDEOLOGIA EM LOUIS ALTHUSSER

Adriano Lourenço da Silva¹

RESUMO: A presente reflexão acadêmica tem por objetivo pesquisar o processo de formação ideológica dos sujeitos, para tal exporemos a obra *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado*, de autoria de Louis Althusser, onde o autor colabora para uma nova abordagem dos pressupostos marxistas, propondo uma série de renovações dentro do materialismo histórico. Sua contribuição indispensável é sobre o conceito de Ideologia em sua aproximação com o conceito freudiano de inconsciente e seus desdobramentos, centrais para esta discussão.

Palavras-chave: ideologia; marxismo; formação ideológica; formação social.

Introdução

Louis Althusser (1918-1990), filósofo francês de origem argelina, foi um autor marxista e professor da École Normale Supérieure, que influenciou o caminho teórico e político da psicanálise na França. Amigo de Jacques Lacan, contribuiu para a reaproximação da psicanálise ao círculo marxista, e para o retorno dos *Seminários* proferidos pelo psicanalista em 1964 à Rua D'Ulm, Paris.

Em seu livro **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado: notas para uma investigação** (versão original lançada em 1970), Althusser discorre sobre características da prática produtiva no mundo moderno. Entende-se como moderno o período e as mudanças ocorridas no globo, principalmente no Ocidente, como desdobramento à Revolução Industrial. Nesta obra, o autor utiliza pressupostos básicos do materialismo histórico² para analisar as formações sociais e ideológicas no mundo moderno/contemporâneo indo além ao elaborar o conceito de "Aparelhos Ideológicos do Estado", cedendo a uma aproximação deste com o conceito de "inconsciente" descrito por Freud em sua produção psicanalítica.

A Engrenagem

Valendo-se dos escritos clássicos do pensador alemão Karl Marx, Althusser afirma que a forma de produzir industrialmente se mantém funcionando até os dias atuais pelo fato primordial desta prática de mercado manter e retroalimentar as formas de *reprodução dos meios de produção* (ALTHUSSER, 1996, p. 106). Ou seja, a engrenagem mercantil mantém-se girando por abarcar a produção dos fornecedores de matéria-prima, compradores e fabricantes, logística de transporte, marketing de produtos etc., repondo o que foi gasto e mantendo-se do mesmo tamanho ou por vezes ampliando sua magnitude e impacto no cenário econômico. Este modelo demonstra que existe um funcionamento da lógica de produção que excede os muros das fábricas e que envolve múltiplas etapas do sistema produtivo, co-dependendo e colaborando entre si para o pleno funcionamento desta prática.

Uma questão importante neste processo abordado na obra é a *reprodução das forças de trabalho*, que é garantida pela manutenção das condições de trabalho. Neste ponto, segundo Althusser, o trabalhador da empresa, hoje nomeado por colaborador, é estimulado e incentivado a exercer sua função principalmente através do pagamento de salários. Com ele, o funcionário paga sua "moradia, a

¹ Psicólogo, graduado pela UNIABEU Centro Universitário; bolsista de Iniciação Científica da UNIABEU entre 2012 e 2013.

² O **materialismo histórico** é uma abordagem metodológica ao estudo da sociedade, da economia e da história que foi pela primeira vez elaborada por **Karl Marx** (1818-1883) e **Friedrich Engels** (1820-1895). As classes sociais e a relação entre elas, além das estruturas políticas e formas de pensar de uma dada sociedade, seriam fundamentadas em sua atividade econômica. O materialismo histórico na qualidade de sistema explanatório foi expandido e refinado por milhares de estudos acadêmicos desde a morte de Marx.

alimentação e o vestuário” (Ibidem, p. 107) e também usufrui de momentos de lazer, repondo sua energia para que “torne a se apresentar no portão da fábrica no dia seguinte -- e em todos os outros dias que Deus lhe conceder” (Ibidem), e ainda, “criar e educar os filhos em que o proletário se reproduz” (Ibidem), em condições que podem fazer de seus filhos aptos a desenvolver cargos melhores ou piores que seus pais, formando novos trabalhadores e sendo mantenedores do processo de produção. O salário deve também servir aos interesses do proletariado no que Marx chamou de “mínimo histórico”³ assegurando a supressão das necessidades da classe trabalhadora, entre outras benesses “reconhecidas” pela classe capitalista e/ou impostas pela luta proletária de classes (Ibidem).

Para melhor reproduzir tais forças de trabalho e assegurar a inserção no mercado competitivo, a preparação dos trabalhadores torna-se cada vez mais qualificada e esta qualificação tem sido realizada em outras instituições que aparentemente não possuem vínculo com a fábrica, o que permite enxergar o processo como uma rede de colaboração extensa e complexa. Por isso, a formação social conta com o auxílio poderoso de instituições que não são propriamente comerciais, mas que coadunam e reforçam este processo. Nas escolas o indivíduo aprende a “ler, escrever e contar”, (Ibidem, p. 108) e ainda respeitar horários, divisão de tarefas, cumprimento de prazos, habitua-se a ser constantemente avaliado, punido em caso de má conduta, entre outras formas de adequação ao modelo de trabalho vigente. Surgem nas empresas sessões de ginástica laboral para o melhor funcionamento do corpo com a finalidade de melhorar o desempenho, evitar problemas de saúde e baixar o número de faltas, o que diminuiria a produção. As aulas de educação física nas escolas também poderiam servir a este caráter futuro. No serviço militar obrigatório o jovem obedece a hierarquias, prepara o corpo e a mente para cumprir metas por vezes extenuantes, tornando o indivíduo moderno cada vez mais subserviente. Desta feita, está assegurada ao sujeito a “submissão à ideologia dominante” (ALTHUSSER, 1996, p. 109), fazendo desta *sujeição ideológica* parte inseparável da reprodução das forças de trabalho.

A formação social é mediada pelo processo de produção dominante: a submissão deve ser reproduzida de forma intensa no âmbito do proletariado tal como a manipulação e o exercício autoritário devem ser reproduzidos no âmbito dos exploradores. Poderosos interesses econômicos estão em jogo e devem ser mantidos através desta *sujeição ideológica* para a manutenção e pleno funcionamento do cenário vigente. Citando Karl Marx, Althusser afirma: “Todos os envolvidos como agentes da produção, devem de uma maneira ou de outra, estar impregnados dessa *ideologia*” (Ibidem, p. 108). Esta se mostra tão profundamente enraizada que os explorados e exploradores creem nesta condição como única realidade possível, de forma que na maioria dos casos os explorados não desejam romper com esse funcionamento, ao invés disso, buscam talvez um dia, ocupar o lugar daqueles que os oprimem.

Adorno e Horkheimer, em *Dialética do Esclarecimento*, abordam o tema de tal sujeição da classe proletária frente à classe dominante, escrevendo:

Assim como os dominados sempre levam mais a sério do que os dominadores a moral que deles recebiam, hoje em dia as massas logradas sucumbem mais facilmente ao mito do sucesso do que os bem-sucedidos. Elas têm os desejos deles. Obstinadamente, insistem na ideologia que as escraviza. O amor funesto do povo pelo mal que a ele se faz chega a antecipar a astúcia das instâncias de controle (ADORNO E HORKHEIMER, 1985, p. 125).

Tal sujeição demonstra a existência de uma espécie de “força” que impulsiona os sujeitos, como se eles não fossem determinados por si só, ao invés disso, são atraídos, capturados por esta rede que não descarta ninguém, esse processo de construção, que não é natural e nem temporal (apesar de utilizar

3 O mínimo histórico, segundo Marx, é o “fornecimento” de alguns benefícios para além do salário mínimo. A classe dominante “cede” estes benefícios numa tentativa de reconhecer a classe subordinada e principalmente pelas necessidades impostas pela classe trabalhadora organizada. (ALTHUSSER, 1996, p. 107).

modificações do tempo e do espaço para transmutar e se adaptar), é uma prática que merece ser analisada bem como seus desdobramentos no sujeito e em todo seio social.

Surge então, na obra de Louis Althusser, o conceito importante deste autor, em aprimoramento ao que já fora tratado por Marx em seus escritos, e sobre o qual nos debruçamos neste texto: o conceito de *Ideologia*. Contudo, é fundamental para avançarmos nesta compreensão entender o papel determinante e fundamental das bases econômicas, de forma a embasar tudo o que dissertaremos.

Base Econômica, o cerne

Althusser utiliza a metáfora de um edifício para conceber a estrutura da sociedade:

[...] como sendo constituída por “níveis”, ou “instâncias”, articulados por uma determinação específica: a jurídico-política (o direito e o Estado) e a ideológica (as diferentes ideologias, religiosa, ética, legal, política etc.). (ALTHUSSER, 1996, p. 109).

Sobre a base (naturalmente correlacionada com o conceito de base econômica) ou *infraestrutura*, erigem-se os andares superiores, ou *superestrutura*, em seus dois níveis: jurídico-político e ideologias. Tudo é determinado pela base que dá sustentação e que, quanto mais eficaz, solidifica e delinea os caminhos que serão seguidos pelos andares posteriores, que por sua vez têm *autonomia relativa* com relação à base e dialogam numa *ação recíproca* entre si (Ibidem, p. 110).

A reprodução corrobora a metáfora e justifica a superestrutura, mas não a encerra: é preciso ir além da metáfora, atrás de uma resposta conceitual. Para avançar nesta discussão, Althusser analisa o conceito de Estado sob a ótica da tradição marxista, ressaltando que o Estado é:

Explicitamente concebido como um aparelho repressor. O Estado é uma máquina de repressão que permite às classes dominantes (no século XIX, a classe burguesa e a “classe” dos grandes latifundiários) assegurarem sua dominação sobre a classe trabalhadora, submetendo estas últimas ao processo de extorsão da mais-valia (isto é, à exploração capitalista) (Ibidem, p.111).

Considerando Estado como *Aparelho de Estado*, podemos notar seu aparato repressivo e dividi-los em instâncias: jurídicas (polícia, tribunais e presídios) e seus líderes (chefes de Estado, governo e administradores), sempre a favor das classes dominantes e contra o proletariado. Esta seria a “função” fundamental do Estado (Ibidem).

Algumas proposições marxistas somam-se a esta discussão como a distinção entre *poder estatal* e Estado, sendo o primeiro o alvo da luta política entre as classes, e o segundo visto como Aparelho Repressivo de Estado. Sabe-se através de acontecimentos históricos -- 1890 na França ou maio de 1968 -- que os Aparelhos Repressivos do Estado sobrevivem mesmo em meio às lutas pela *posse* do poder do Estado.

A teoria althusseriana se acresce à teoria marxista na medida em que sistematiza outra dimensão da realidade que se mostra pareada ao Aparelho Repressivo de Estado, mas que não se funde com este. Surge então o conceito que é a contribuição principal de Louis Althusser, a teoria de dos *Aparelhos Ideológicos de Estado*.

O Poder Estatal

A distinção entre os *Aparelhos de Estado* e dos *Aparelhos Ideológicos de Estado* se dá na medida em que identificamos Aparelhos de Estado (governo, exército, polícia, presídios etc.) como aparelhos de repressão sob a égide do domínio público, que se valem da violência para garantir seu funcionamento,

podendo também assumir formas não físicas de repressão, como por exemplo, a repressão administrativa (ALTHUSSER, 1996, p. 114). Os *Aparelhos Repressivos de Estado* possuem características plurais, pertencentes a um mesmo corpo repressor e unificado.

De outra forma, os *Aparelhos Ideológicos de Estado* são instituições distintas e especializadas, abarcando diferentes sistemas e funcionando basicamente pela *Ideologia* (Ibidem, p. 114-115). Esta diversificação é unificada sob a influência de uma *ideologia dominante* que é a ideologia da “classe dominante” (Ibidem, p. 116). Esta multiplicidade dos *Aparelhos Ideológicos de Estado* permite a abertura para um *lócus* de discussão entre as classes capitalistas e proletárias, que é uma característica muito peculiar destes Aparelhos (Ibidem, p. 118). A ação por intermédio da repressão se distingue da ação ideológica, mas ambas são conduzidas pela “classe dominante” que detém o *poder estatal*.

É preciso ressaltar que a característica repressiva dos Aparelhos de Estado e a característica ideológica dos Aparelhos Ideológicos não funcionam de forma isolada em nenhuma destas duas instâncias, são identificadas como características predominantes, porém não exclusivas, como podemos notar:

[...] essa determinação do duplo “funcionamento” (em caráter predominante ou secundário) pela repressão ou ideologia, conforme se trate do Aparelho (Repressivo) de Estado ou dos Aparelhos Ideológicos de Estado, deixa claro que se podem tecer combinações explícitas ou tácitas muito sutis, a partir da interação do Aparelho (Repressivo) de Estado com os Aparelhos Ideológicos de Estado. (Ibidem, p. 116).

Observamos que a relação entre os Aparelhos Repressivos de Estado (A. R. E.) com os Aparelhos Ideológicos do Estado (A. I. E.), imbricam-se de modo que os aparelhos repressivos não podem exercer seu poderio por muito tempo se não forem amparados por uma ideologia que os sustentem, e que os “Aparelhos Ideológicos de Estado podem não ser apenas o *alvo*, mas também o *lugar* das lutas de classes, e, frequentemente de formas encarniçadas de luta de classes” (Ibidem, p. 117).

Ciclo Produtivo

Para Althusser, a reprodução das *relações de produção* é assegurada pelas estruturas (infraestrutura e superestrutura), e principalmente pelo exercício do poder estatal nos Aparelhos de Estado, sejam eles repressivos ou ideológicos. Ao passo que os A. R. E.’s asseguram através da força as condições políticas desta reprodução e da atuação dos A. I. E.’s. (Ibidem, p. 118).

Se durante a Idade Média a Igreja surgiu como Aparelho Ideológico predominante, nos tempos do capitalismo o Aparelho Ideológico supremo foi, e é, o Aparelho Escolar. Seguindo este pressuposto Althusser relata sobre a escola:

Ela pega crianças de todas as classes desde a tenra idade escolar e, durante anos - os anos em que a criança está mais vulnerável, espremida entre os Aparelhos de Estado familiar e o Aparelho de Estado escolar - , martela em sua cabeça, quer utilize métodos novos ou antigos, uma certa quantidade de “saberes” embrulhados pela ideologia dominante (francês, aritmética, história natural, ciências, literatura), ou simplesmente a ideologia dominante em estado puro (ética, orientação cívica, filosofia). (1996, p. 121).

O autor ainda expõe que em outros Aparelhos Ideológicos, como a família e a Igreja, também é possível visualizar o discurso sobre a Moral e a Virtude, todavia, “nenhum outro Aparelho Ideológico de Estado tem a audiência obrigatória (e gratuita) da totalidade das crianças na formação social capitalista, oito horas por dia, durante cinco ou seis dias por semana” (Ibidem, p. 122). Assim sendo, a ideologia dominante

reproduzida no âmbito escolar é arraigada e “desempenha papel decisivo na reprodução das relações de produção” (Ibidem, p. 123).

Considerações Finais

O conceito de ideologia foi inicialmente cunhado por Cabanis, Destutt de Tracy e seus colaboradores, que lhe atribuíram como objeto à teoria (genética) das ideias (Ibidem, p. 123). Todavia, quando Marx se referenciou a este conceito, deu-lhe conotação diferente, representando a Ideologia como “o sistema de ideias e representações que domina a mente de um homem ou de um grupo social” (Ibidem, p. 123). Para Althusser, a ideia de se estruturar um conceito de ideologia que sirva a múltiplas esferas de atuação só é possível por serem expressas, sempre, por posições de classes e formações sociais. Nestas duas áreas estão a origem e cerne da Ideologia althusseriana, advinda da combinação destes dois elementos, e tendo sua realidade criada de forma alheia à ideia posterior de ideologia (Ibidem, p. 124).

Neste ponto da discussão, o autor inicia um questionamento que lhe é muito peculiar, pois associa trechos da obra de Marx *A ideologia alemã* (1932), em que o conceito de ideologia é referido como “pura ilusão, puro sonho, isto é, como nada” (MARX Apud ALTHUSSER, 1996, p. 124), ou seja, onde toda sua realidade lhe é externa, a-histórica, e o correlaciona com a produção teórica do período anterior à teoria psicanalítica, especificamente no que tange ao estudo dos sonhos:

A ideologia é pensada como um constructo imaginário cujo *status* é exatamente idêntico ao *status* teórico do sonho entre os autores anteriores a Freud. Para esses autores, o sonho era o resultado puramente imaginário, ou seja, nulo de “resíduos diurnos”, dispostos num arranjo e numa ordem arbitrários, e às vezes até “invertidos” – em outras palavras, em “desordem”. Para eles, o sonho era o imaginário vazio e nulo, arbitrariamente “montado”, uma vez fechado os olhos a partir dos restos da única realidade plena e positiva, a realidade do dia. (Ibidem, p. 124).

Assim sendo, para Marx os sonhos estariam arranjados de forma desconectada e vazia de maiores sentidos. Valendo-se desta comparação, assim também seria a Ideologia para ele, sem maiores vínculos com outros atores, e representando apenas um reflexo vazio do real (Ibidem p. 125).

Na obra de Althusser, todavia, afirma-se a existência de um lugar onde a Ideologia possui história própria, a *luta de classes*, e pondera ainda de forma ambivalente que a não-história das Ideologias serve a outro intuito, de entender a sua estrutura e funcionamento como imutáveis, estando presentes de uma mesma forma em tudo o que chamamos história (Ibidem, p. 125), sendo também onipresente, tal como Freud associa à ideia de inconsciente, postulando por fim a máxima de que a Ideologia é eterna (Ibidem). Aproxima, deste modo, sua teoria das Ideologias “em geral” do modo como o psicanalista alemão definia sua teoria do Inconsciente.

O autor formula assim, duas teses para melhor exemplificar o funcionamento da dinâmica da Ideologia. Em sua primeira tese, Althusser afirma que “A ideologia é uma ‘representação’ da relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência” (Ibidem, p. 126). Nesta afirmação, podemos pensar como os sujeitos, imersos em suas “concepções de mundo” (religiosas, político-partidárias, entre tantas outras), demonstram a impossibilidade de elaborar um discurso isento, que já não tenha sido capturado por uma Ideologia. Admitimos então (mesmo como os possíveis excessos e enganos) que tais práticas obedecem à realidade de tais sujeitos, pois existe um mundo que as corrobora, para estes sujeitos e para outros tantos que a estes se assemelham. Uma questão importante que surge é a seguinte: se estas concepções são, de certa forma, fantasiosas e ainda assim perpassam gerações, por que as sociedades se veem conduzidas por estas representações? Uma resposta plausível dada pelo autor é que todo esse

constructo fora dado originalmente por algumas poucas mentes a fim de manipular e impor Verdades a exemplo do que Padres e Déspotas fizeram em nome de “Deus”, convocando seus servos a adorar e principalmente, a temer a esta divindade suprema, e colocando fiéis sob seu jugo posto que estes seriam a representação do Criador na Terra, (Ibidem, p. 127), colocando assim, as condições reais de existência humana sob a égide de representações imaginárias. Tais relações imaginárias facilitam, e conduzem à produção de sentido, embasando o processo ideológico que precisa destes “artifícios” para se constituir encontrando meios para lograr êxito na história do sujeito.

Essa relação com as representações imaginárias (que por consequência se desdobram no cotidiano real) justifica-se também pelo fato destas práticas se fundamentarem nas relações de produção e nas relações decorrentes das relações de produção (Ibidem, p. 128), dando forma ao ciclo ideológico do mercado.

A segunda tese proposta por Althusser dá conta da existência material de tais ideologias, pois na medida em que o sujeito realiza funções e atividades conduzidas por um modo de operar seguindo esquemas, ritos e sendo encartilhado, e ainda, confiando que este é o modo correto e único de existir, considerando-se livre e autônomo, seus atos e suas práticas se inscrevem dentro da “existência material de um Aparelho Ideológico” (Ibidem, p. 130).

Nesse sentido, o referido autor propõe que não exista ideologia exceto pelo sujeito e para sujeitos, significando dizer que a categoria do sujeito é a categoria constitutiva de qualquer ideologia independente de sua localização geográfica e período histórico (Ibidem, p. 131), posto que todo processo de constituição ideológica possui a função de convocar o indivíduo concreto como sujeito, o que Althusser denomina por *interpelação* na medida em que ao ser interpelado, o sujeito responde a esta convocação concordando, dando suporte, viabilizando e reconhecendo sua submissão.

Existe uma ambivalência clara nestes pressupostos elaborados por Althusser, dado que o sujeito é sujeito desde antes de nascer, pois existe um lugar simbólico endereçado a ele já durante sua gestação (ou mesmo antes). Todavia, a confirmação deste reconhecimento enquanto sujeito se dá na medida em que suas práticas validam sua inserção no Aparelho Ideológico correspondente e, mais ainda, ao responder o convite da interpelação feito pela ordem vigente.

Essa interpelação só é possível na medida em que existe um Outro que o convoque, do qual se busca o reconhecimento e a identificação; este Sujeito (grafado com s maiúsculo) Althusser denomina de Outro Sujeito, Absoluto e Único (Ibidem, p. 136). Utilizando o rico exemplo da instituição religiosa como Aparelho Ideológico de Estado, o autor correlaciona este Outro Absoluto como o Deus, o qual depende de seu séquito que por sua vez depende desse Outro formando um ciclo que se retroalimenta. Existe uma identificação e uma esperança de redenção num dia vindouro onde os sujeitos tornar-se-ão mais parecidos com o Sujeito Absoluto, e nessa busca desenfreada por tal semelhança e reconhecimento, a ideologia se afirma e perpassa. A distinção e posição hierárquica entre os sujeitos e Sujeito é clara, pois observa-se que este Sujeito Único é uma versão melhorada do sujeito, tendo-o como alvo a ser almejado.

Instaurada tal Ideologia, os sujeitos seguem a senda por eles mesmos, acreditando em sua “liberdade” e “poder de decisão”, e, ainda que de forma solitária, reafirmam sua condição de subserviência sendo rechaçados pelos aparelhos repressivos de Estado caso resolvam se rebelar, e, não vislumbrando outra realidade possível, fazem girar as rodas da engrenagem das relações de produção. Numa sociedade de classes, as relações de produção são relações de exploração e, por conseguinte, relações entre classes antagônicas. A reprodução das relações de produção. Objetivo último da classe dominante, não pode, pois ser uma simples operação técnica que prepare e distribua os indivíduos nos diferentes postos da “divisão técnica” do trabalho. Na verdade, não existe “divisão técnica” do trabalho, a não ser na ideologia da classe dominante: toda divisão “técnica”, toda organização “técnica” do trabalho é a forma e

a máscara de uma divisão e organização *sociais* (= de classes) do trabalho. A reprodução das relações de produção, portanto, só pode ser um empreendimento de classe. Realiza-se através de uma luta de classes que opõe a classe dominante à classe explorada. (ALTHUSSER, 1996, p. 139).

Levando em conta que as lutas de classes desdobram-se fundamentalmente em resistências, e que esses mecanismos de construção ideológica são, ainda que observáveis, abstratos, as classes sociais são o cerne de toda a questão do surgimento dos Aparelhos Ideológicos de Estado, elaborada por Louis Althusser.

Assim sendo, os estudos althusserianos visam apontar os mecanismos de reprodução/transformação das relações de produção. Estes, sob a ideologia das classes dominantes subordinam os indivíduos, interpelam-nos como sujeitos, assegurando então a manutenção da ideologia e conseqüentemente, do poder.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ALTHUSSER, L. Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado: notas para uma investigação. In: ŽIŽEK, S. (Org.). **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

IDEOLOGY IN LOUIS ALTHUSSER

ABSTRACT: This academic reflection aims to research the process of ideological formation of the subject, for that will expose the Ideology and Ideological Apparatuses of the State work, authored by Louis Althusser, where the author contributes to a new approach to Marxist assumptions, proposing a series of Renewals within historical materialism. Your contribution is essential to the concept of ideology in their approach to the Freudian concept of the unconscious and its consequences, central to this discussion.

Keywords: Ideology; Marxism; ideological training; social formation.

Recebido em: 30 / 06 / 2016

Aceito para publicação em: 08 / 07 / 2016